



Sempre em movimento

Físico volta ao Brasil depois de 22 anos para trabalhar com políticas públicas

Em 2008, aos 41 anos, Eduardo do Couto e Silva era vice-coordenador de uma equipe de 38 pessoas no Laboratório Nacional do Departamento de Energia (Slac), administrado pela Universidade de Stanford, e tinha sido um dos líderes da construção do telescópio espacial Fermi, que mobilizara centros de pesquisa de cinco países (Estados Unidos, Japão, Suécia, Itália e França). “Aprendi que, para trabalhar em projetos visionários, é preciso não ter medo de arriscar e acreditar que alguma coisa boa sempre vai aparecer”, disse ele. Quando o telescópio se aquietou no espaço, Couto e Silva procurou a diretora do laboratório e disse que precisava de um desafio maior. “Ela e outros diretores acreditaram no meu potencial e me apoiaram. Mais uma vez escolhi o caminho

mais difícil, a construção de um instrumento sofisticado para operar em um laboratório subterrâneo visando à detecção de matéria escura, para o qual ainda não tínhamos financiamento.”

Couto e Silva já tinha escolhido o caminho mais difícil ao chegar aos Estados Unidos em 1989 para fazer pós-graduação, depois de ter cursado física na Universidade de Brasília (UnB). Seu plano era seguir na área de matéria condensada na Universidade de Indiana, Estados Unidos, mas uma palestra sobre física de partículas, um campo que lhe era inteiramente novo, o atraiu a ponto de fazê-lo se inscrever em um programa de doutorado no acelerador de partículas da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Cern), na Suíça.

“No Cern, além de pesquisador, eu trabalhava como voluntário no museu, principalmente com crianças, e era convidado a participar de reuniões com autoridades dos Estados Unidos para atestar que aquele trabalho de pesquisa no Cern estava dando certo.”



Couto e Silva em um laboratório subterrâneo em 2009

Ele ficou lá até 1999 e depois retornou para os Estados Unidos para trabalhar em astrofísica de altas energias. Em 2012, para espanto dos colegas de Stanford, Couto e Silva resolveu voltar ao Brasil. “Eu via uma institucionalidade emergente no Brasil na área de ciência e tecnologia e achei que poderia colaborar muito com a experiência adquirida no exterior”, disse.

Ele pediu demissão ainda sem emprego, mas logo começou a trabalhar como pesquisador visitante no Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), em Brasília, e se vinculou à UnB como professor colaborador. Refletindo sobre a situação dos cientistas brasileiros no exterior, ele e a socióloga Elizabeth Balbachevsky, da Universidade de São Paulo (USP), escreveram o artigo “A diáspora científica brasileira: perspectivas para sua articulação em favor da ciência brasileira”, publicado em 2011 na *Parcerias Estratégicas*. “Precisamos trazer mais brasileiros que trabalham em outros países e, ao mesmo tempo, auxiliar os que estão lá fora a ver como podem colaborar com o país.”

Depois de trabalhar em um projeto encomendado pela Sociedade Brasileira de Física (SBF) para promover o diálogo entre empresários e físicos, favorecendo o desenvolvimento de projetos conjuntos e a oferta de empregos para físicos (ver Pesquisa FAPESP nº 193, março de 2012), ele agora integra o grupo que apoia a expansão estratégica do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). A perspectiva de um acordo com o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e o ITA o tem feito voltar com frequência aos Estados Unidos. Agora, diz ele, “sabendo como eles pensam, mas me posicionando como brasileiro, para mim é muito gratificante”.

OPORTUNIDADE

Novas raízes no Brasil

Professor iraquiano descobre vocação para a ciência



Não é tarefa fácil localizar em São Paulo um pesquisador iraquiano radicado no Brasil. Mais difícil ainda é encontrar um que tenha descoberto sua aptidão para a atividade científica durante uma passagem por terras brasileiras. “Para falar a verdade, não conheço outro iraquiano que tenha esse perfil além de mim”, reconhece Khalid Basher Mikha Tailche, no momento fazendo um pós-doc pelo Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Há 15 anos ele deixou Mosul, onde nasceu, depois de ser convencido por uma prima brasileira a vir para o Brasil dar aulas de inglês, atividade que já exercia no Iraque. Em São Paulo conseguiu emprego no Instituto Roosevelt de Línguas e a visita prevista para não durar muito tempo tomou contornos mais sérios. “Em 2000, um professor da escola de inglês, que fazia mestrado em história na USP, me levou para conhecer a universidade. No ano seguinte decidi me matricular num curso de extensão em tradução

de línguas modernas, como aluno especial”, diz.

Novamente, uma escolha sem grandes pretensões levava Taliche para trilhas pelas quais nunca se imaginou caminhando. Entre 2005 e 2007, lançou-se a uma pesquisa de mestrado, sobre uma peça teatral do iraquiano Yousif El-Saigh, motivada por *Otelo*, de William Shakespeare. Na sequência, em 2008, começou o doutorado, um estudo sobre o pensamento fundamentalista. No ano passado ele concluiu o doutorado, mas não se deu por satisfeito. A ânsia em buscar novos conhecimentos que o conectem às suas raízes árabes o levou ao pós-doutorado, iniciado em maio deste ano. Sua proposta é analisar dois movimentos de sociedades literárias originadas durante a diáspora árabe, por meio da produção de dois escritores: Chafiq Al Maluf (1905-1977), que imigrou para São Paulo, e Mikhail Naimy (1889-1988), que viveu em Nova York.

Quando concluir seu pós-doc em 2015, Taliche deseja lançar um livro, para contar sua experiência a jovens universitários. “A qualidade do ensino e da pesquisa caiu muito depois que o Iraque passou por guerras e pela destruição da cidadania. Quero mostrar que é possível alcançar um futuro bem-sucedido ao se optar pela pesquisa científica”, diz Taliche. “Tive que vir para o Brasil para descobrir meu gosto pela pesquisa, por meio da qual posso manter viva a minha relação com o mundo árabe”, afirma.